

Joanna Drzazgowska 

Universidade de Gdańsk

fnjd@ug.edu.pl; juanna@poczta.onet.pl

Formas de tratamento nominais na língua portuguesa Algumas observações de caráter contrastivo português europeu – polaco

Resumo:

O objetivo do artigo *Formas de tratamento nominais. Algumas observações de caráter contrastivo português europeu – polaco* é apontar algumas peculiaridades do sistema das formas de tratamento nominais no PE. Simultaneamente, tentar-se-á mostrar alguns problemas que surgem neste contexto nas aulas de PLE e na tradução para o polaco.

Palavras-chave: formas de tratamento nominais, português europeu, português língua estrangeira, didática, tradução português-polaco

Abstract:

Nominal Forms of Address. Some Comparative Observations on European Portuguese – Polish

The aim of the paper *Nominal forms of address. Some comparative observations on European Portuguese – Polish* is to analyse some aspects of the system of nominal forms of address in contemporary European Portuguese. The main goal of the author is to demonstrate not only certain problems occurring in learning nominal forms of address by Polish students but also difficulties in translating them into Polish.

Keywords: nominal forms of address, European Portuguese, Portuguese as a Foreign Language, Didactics, Portuguese – Polish translation

Introdução

Na língua portuguesa, segundo Cintra (1972: 11-12) e Araújo Carreira (1998: 149), existem três tipos de formas de tratamento: pronominais (p. ex. *tu, você, vocês*), nominais (p. ex. *senhor, senhora, mãe, avó, patrão*) e verbais (forma da 2.^a ou 3.^a pessoa singular ou plural). No que se refere à riqueza das formas nominais no português, Perlin constata que a língua portuguesa é a única língua das línguas da Europa Ocidental na qual a função dos pronomes é desempenhada por numerosos nomes e é a única língua europeia em que esta função é desempenhada pelos nomes próprios (1988: 70). No entanto, o nosso objetivo não é uma análise exaustiva, no presente artigo serão indicados apenas alguns problemas que surgem com frequência nas aulas de português e algumas dificuldades enfrentadas pelos tradutores.

Formas de tratamento nominais nos manuais e nas gramáticas de PLE

O problema das formas de tratamento não é, infelizmente, uma questão que suscite o interesse dos autores dos manuais. Depois de termos analisado 16 manuais de PLE (níveis A1 – B2), dos quais 12 foram editados no século XXI, 6 gramáticas de PLE (níveis A1 – C1) e 1 manual dedicado ao vocabulário (níveis A1 – B1), podemos constatar que as informações relativas ao uso das formas de tratamento no português europeu são escassas. No que se refere às formas nominais, as quais são o objeto do nosso estudo, a análise mais detalhada provém da *Gramática de Português Língua Não Materna* (Arruda, 2016: 113-114). A autora indica algumas formas e determina o contexto sociolinguístico em que estas podem ocorrer. Neste sentido, *o senhor* e *a senhora* são consideradas formas de respeito e cortesia e opõem-se, portanto, a *tu* e *você*. Simultaneamente, as formas mencionadas podem ser acompanhadas de um título profissional ou um cargo: *o senhor doutor*,

a senhora arquiteta, o senhor presidente. Neste sentido, *o doutor, a arquiteta, o engenheiro*, quando ocorrem sem antecedentes, são consideradas formas com menos respeito que as formas anteriores. Os nomes próprios ou os apelidos, por seu turno, quando usados com os títulos profissionais ou cargos (*o doutor João, a arquiteta Melo*) exprimem certa proximidade. Ao mesmo tempo, a autora sublinha que o título *doutor* é um título bastante generalizado em português por se referir não somente aos médicos, mas também a todos os diplomados por escolas superiores. Enumeram-se ainda outras formas nominais antecedidas de artigo: nome próprio (de batismo ou de família: *o José, o Silva*); nome de parentesco ou equivalente (*o tio, a mãe*); outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala (*a minha amiga, o patrão*). Além disso, a autora apresenta outras formas de tratamento nominais: *Vossa Excelência (V. Ex.^ª)*, forma usada em certos ambientes, como p. ex. Corpo Diplomático, Governo; *Vossa Eminência (V. Em.^ª)*, usada no discurso religioso quando nos dirigimos a cardeais; *Vossa Alteza (V. A.)*, usada para príncipes, arquidukes e duques; *Vossa Majestade (V. M.)*, quando nos dirigimos a reis e imperadores.

Quanto aos outros manuais e gramáticas, os autores, na sua maioria, limitam-se a apontar as formas nominais *senhor, senhora* como formas de tratamento formal e, ainda, mais formal do que *ocê* (Coimbra Leite, Mata Coimbra, 1989: 17) e *senhores, senhoras* como formas de tratamento formal (Coimbra Leite, Mata Coimbra, 1989: 17; Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 58). Alguns autores mostram as possibilidades combinatórias, ou seja, a coocorrência de *senhor/es, senhora/as* com o nome próprio (*o senhor Francisco*) (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2016: 121), com o apelido (*o senhor Fernandes*) (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2016: 121), com o título, nome e apelido (*o senhor doutor António Marques*) (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2016: 121) que são consideradas formas mais cortesias. Neste sentido, mas sem explicação nenhuma, em Carmo apresenta-se uma lista das possíveis combinações de *senhor/es, senhora/as* com diferentes títulos: *Senhor/a Doutor/a, Senhor/a Engenheiro/a, Senhor/a Arquiteto/a, Senhor/a Diretor/a, Senhor/a Presidente, Senhor/a Ministro/a, Senhor/a Embaixador/a, Senhora Embaixatriz, Senhor Cônsul,*

Senhora Consulesa (2011: 66). Além disso, sublinha-se que com valor de vocativo *senhor/es*, *senhora/as* não têm artigo e pressupõem o conhecimento do interlocutor (*Senhor Santos, Minha senhora, Sr.^a D. Marta*) (Avelar, Marques Dias, 1995: 16).

Como se pode observar, a maioria dos autores não proporciona informações relativas ao uso das formas de tratamento, ou seja, ao contexto enunciativo em que uma forma pode ser utilizada, limitando-se somente a enumerá-las.

Problemas didáticos relativos à descrição do sistema de formas de tratamento no PE

Podemos constatar que, no caso dos alunos polacos, os problemas na aprendizagem das formas de tratamento nominais no PE estão relacionados, por um lado, com a riqueza das formas em causa na língua portuguesa, ou seja, número de nomes que podem ser utilizados como formas de tratamento e, por conseguinte, falta dos equivalentes de algumas formas nominais na língua polaca e, por outro lado, diferentes contextos sociolinguísticos em que ocorrem os equivalentes semânticos das formas de tratamento no PE e no polaco. Neste contexto, na análise que se segue, tentar-se-á mostrar algumas dificuldades na descrição do sistema de formas de tratamento no PE e, também, alguns aspetos de assimetria entre os sistemas português e polaco.

Pluralidade das formas de tratamento femininas

Um dos problemas que surgem já nas primeiras aulas de PLE, é a diferença entre a forma de tratamento *dona* e *senhora*. No português, como mostram os exemplos abaixo, além das formas simples *dona* (seguida do nome próprio) e *senhora* (seguida ou não do nome próprio ou apelido), existe também a forma composta *senhora dona* (seguida do nome próprio ou do nome próprio e apelido). A língua polaca tem ao seu dispor somente a forma *pani* que pode ser considerada o equivalente semântico de *senhora*. Portanto, é pertinente, não somente do ponto de vista didático, determinar o contexto sociolinguístico em que

cada uma das formas mencionadas pode ocorrer. A questão mencionada parece-nos relevante devido ao facto de os alunos polacos terem a tendência de empregar excessivamente a forma *senhora* e de não utilizar, ou utilizar de modo reduzido, *dona* e *senhora dona*. Conforme Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1988: 486), existe uma certa hierarquia das formas de tratamento aplicadas quando nos dirigimos às mulheres. A forma utilizada em relação a mulheres de categoria social mais elevada é *senhora dona*. *Dona*, por seu turno, emprega-se sobretudo nas cidades, inclusive para mulheres de classe social bastante modesta e cujos maridos são simplesmente *senhor*, ou seja, não têm título académico nem profissional. O tratamento inferior é o de *senhora* com o nome próprio. Neste contexto, vejam-se os exemplos:

(1) - *Boa tarde, dona Ana, como vai?*

- *Bem, obrigada, dona Luísa. E a senhora?* (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2016: 121)

(2) - *Bom dia! Tenho uma reserva em nome de Elisabete Santos.*

- *Seja bem-vinda Sr.^a Elisabete.* (Tavares, 2012: 166)

(3) - *Boa noite, senhora dona Clara. Como está?*

- *Estou bem, muito obrigada. E o senhor Morais?* (Carmo, 2011: 59)

(4) *Como está, senhora dona Elisa?* (Carmo, 2011: 97)

(5) É a *sra. D. Ana Oliveira.* (Avelar [et al.], 1993: 17)

Como se pode observar em (1), *dona* aparece junto com o nome. No que se refere a *senhora*, a forma ocorre sem nenhum elemento subsequente (1) ou acompanhada do nome (2). Além disso, em (3) e (4) estamos perante a justaposição das duas formas de tratamento mencionadas seguidas do nome. Mesmo que as formas apareçam nos manuais, os autores nem explicam as abreviaturas utilizadas (*D.*, *Sr.^a*) nem fornecem a informação relativa ao seu uso. Quanto ao contexto em que as formas ocorrem, tanto *dona* como *senhora dona* são formas empregadas em relação a uma mulher que o locutor conhece, o que parece natural, pois deve saber o nome dela. O enunciado (1),

na nossa opinião, exemplifica de certa forma a teoria apresentada em Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1988) por serem as vizinhas que se tratam por *dona*. Os exemplos (3) e (4), apresentam situações e/ou relações mais oficiais. Em (3) é o cliente frequente de um hotel que se dirige à rececionista, e em (4) é um rapaz que fala com a mãe da sua namorada. Em ambos os casos, para exprimirem mais respeito, os locutores optaram pela forma *senhora dona*. Simultaneamente, surpreende o exemplo (2), em que o/a rececionista provavelmente não conhece a cliente (a cliente apresenta-se no início da conversa), mas decide utilizar a forma de tratamento *senhora* seguido do nome. Desta forma, não dá o devido respeito esperado nesse contexto enunciativo. O exemplo (5) ilustra mais uma questão no âmbito das formas de tratamento – a questão da ortografia, extremamente importante no ensino de PLE. Na maioria dos casos, as formas abreviadas escrevem-se com maiúscula e as formas por extenso com minúscula. Contudo, alguns autores mostram exceções às regras, como em (5) ou em Melo Rosa (2011a, 2011b).

Vejamos outros enunciados:

(6) - *Bom dia, senhor doutor.*

- *Bom dia, **minha** senhora. Façam o favor de se sentar.* (Carmo, 2011: 167)

(7) *Bom dia, **minha** senhora. Faz favor de dizer...* (Carmo, 2011: 108)

Em (6) e (7) junto de *senhora* aparece o possessivo *minha*, que é, segundo Vázquez Cuesta, Mendes da Luz, um tratamento mais respeitoso e delicado (1988: 486). A situação deste tipo é observada em (6), onde, na primeira consulta, o médico fala com a mãe do seu paciente. No entanto, no exemplo (7) citado acima, que provém do diálogo na sapataria, o/a empregado/a tratando a cliente por *minha senhora*, utiliza, ao mesmo tempo, a forma verbal na segunda pessoa singular. Depois de analisarmos as duas orações de (7) como componentes da mesma enunciação, podemos constatar que, se calhar, a forma em causa sofreu uma evolução e, atualmente, já não exprime mais respeito do que *senhora*, ou estamos perante um exemplo do uso contrário às regras em que *minha senhora* é incompatível com a forma verbal

normalmente usada nos contactos mais familiares e de proximidade (*faz*).

É preciso sublinhar que, no português e no polaco, *senhora* se aplica tanto às mulheres casadas como às solteiras. Além disso, é bastante frequente ouvir em Portugal, como uma das formas de tratamento, especialmente no ambiente comercial, *menina* (seguida ou não do nome próprio). Parece significativo que a forma seja empregada independentemente da idade e do estado civil da interlocutora. O exemplo (8) provém de um diálogo que tem lugar numa loja de roupa, onde a empregada se dirige a uma cliente tratando-a por *menina*. Além disso, observámos que a mesma forma de tratamento pode ser utilizada entre amigos para exprimir um certo carinho e, igualmente, ironia (9).

(8) *Então, menina? É esse o seu tamanho?* (Bayan Ferreira, Bayan, 2011a: 151)

(9) - *Ainda estavas a dormir? Olha que já não é cedo! O que é que a menina está a fazer em casa ao sábado à tarde?*

- *Olha, nada de especial... Estive a trabalhar toda a manhã, e depois do almoço pus-me a ler umas coisas (...)* (Avelar [et al.], 1993: 58)

Assimetria entre as formas masculinas e femininas

Outra questão que merece a nossa atenção é a assimetria entre as formas usadas em relação às mulheres e aos homens. Vejam-se os exemplos:

(10) *O Sr. e a Sra. Santos têm filhos?* (Coimbra Leite, Mata Coimbra, 1989: 24)

(11) - *Bom dia, Sr. Fernando.*

- *Bom dia, D. Luísa.* (Tavares, 2012: 166)

(12) *O Sr. António é o pai da Isabel e da Paula.* (Tavares, 2011: 103)

(13) *A D. Glória é a mãe da Isabel e da Paula.* (Tavares, 2011: 103)

As formas *senhora* e *senhor*, como mostra (10), podem aparecer junto com o apelido (supomos aqui que *Santos* foi omitido ao lado de *senhora* por razões estilísticas). Os exemplos (11), (12) e (13),

evidenciam que, nos mesmos contextos, ou seja, com os nomes próprios, as formas empregadas em relação aos homens diferem das empregadas em relação às mulheres: o nome masculino ocorre com *senhor* e o nome feminino com *dona*. Devido ao facto de que, no PE, *dom* é reservado aos reis, antiga nobreza e alto clero, a única forma possível com o nome próprio é *senhor*. Portanto, a forma masculina *senhor* + nome próprio equivale às formas femininas *dona*, *senhora dona* e *senhora* + nome próprio. Quanto ao possessivo *meu*, no nosso *corpus*, não foi observado o seu uso junto com o nome masculino. Parece que a forma *meu senhor* é empregada quando nos dirigimos a Deus. Além disso, é preciso sublinhar que, ao contrário da forma feminina, não se emprega *menino* em relação a um homem adulto.

Forma de tratamento *doutor/a*

Outra forma de tratamento usada frequentemente no PE e, com certeza, nos manuais de PLE é *doutor/doutora*. Vejam-se os exemplos:

(14) *O senhor doutor* não se importa de receitar também umas gotas para o nariz que está muito tapado? (Carmo, 2011: 168)

(15) - *Bom dia, doutora Augusta.*

- *Olá, bom dia, senhor Tomás. Como está?* (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006: 94)

(16) - *O cão está muito gordo porque ele não corre, não se movimenta.*

- *Eu sei, senhor doutor.* (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006: 40)

(17) *Este é o meu advogado, o Dr. Lemos.* (Tavares, 2011: 12)

Na língua portuguesa, a forma *doutor/a* aplica-se não somente aos médicos (14) e aos representantes de outras profissões relacionadas com a saúde, como farmacêuticos (15) ou veterinários (16), mas a todos os licenciados pelas universidades, p. ex. advogados (17). Como se pode observar, o título em causa pode ocorrer tanto com o nome próprio (15) como com o apelido (17) e pode ser precedido, no caso dos médicos, de *senhor/a* (14), (15). No entanto, temos observado, por exemplo durante os colóquios científicos, que a combinação da

forma em causa (assim como a forma *professora doutora*) com o nome próprio é mais característica no caso das formas femininas.

Problemas de tradução

Para acabarmos as nossas considerações relativas às formas nominais, gostaríamos de apresentar alguns exemplos de tradução das formas em causa para o polaco e apontar algumas dificuldades que surgem neste contexto¹. Começamos pelas frases com *senhora* e o seu equivalente polaco *pani*. Em primeiro lugar, vejamos os exemplos:

(18a) *A senhora é muito simpática.*

(18b) *Jest pani bardzo sympatyczna.*

(18c) *Pani jest bardzo sympatyczna.*

A língua polaca mostra mais flexibilidade no que se refere à ordem das palavras na oração e, portanto, a frase (18a) pode ser traduzida como (18b) e (18c). Em (18b), estamos perante uma tradução exata, onde, no polaco, a ordem do sujeito e do predicado foi alterada para manter o significado da frase portuguesa. O exemplo (18c) constitui uma alternativa da tradução, mas o facto de conservar a ordem da frase original faz com que a oração seja ambígua. Portanto, a oração pode ser interpretada como (18b), mas, neste caso, trata-se de uma ênfase – sublinha-se que *esta senhora* (à qual nos dirigimos), e não outra, é simpática. Outra interpretação possível, também aceitável no caso de (18a), é considerar *a senhora* o delocutário e não o alocutário na situação de comunicação em causa. No caso dos outros substantivos, a questão parece mais complicada, uma vez que, na língua polaca, existem poucos nomes que podem ser empregados como formas de tratamento alocutivas. Vejamos os exemplos:

(19a) *A cozinheira é muito simpática.*

(19b) *Kucharka jest bardzo sympatyczna.*

¹ Os exemplos em português e as traduções para o polaco foram constituídos pela autora do artigo.

Como mostra (19b), o significado da frase no polaco difere do significado da frase portuguesa por se tratar somente da forma de tratamento delocutiva. Em (19a), depende do contexto, *a cozinheira* é forma de tratamento delocutiva ou alocutiva.

As frases abaixo são diferentes das já analisadas, visto que a forma de tratamento em português ((20a) e (21a)) ocorre no vocativo.

(20a) *Ó senhora, é muito simpática!*

(20b) *Jest pani bardzo sympatyczna!*

(20c) *Pani, jesteś bardzo sympatyczna!*

(21a) *Ó cozinheira, é muito simpática!*

(21b) *Kucharko, jest pani bardzo sympatyczna!*

(21c) *Pani kucharko, jest pani bardzo sympatyczna!*

(21d) *Jest pani bardzo sympatyczna!*

Na língua polaca, além dos nomes próprios e apelidos, são poucos os nomes que se usam na função vocativa. Na tradução de (20a), ou seja, em (20b), não se observa o uso do caso vocativo de *pani* (*senhora*), e a tradução é idêntica a de (18c). O exemplo (20c), com o caso vocativo de *pani*, parece antiquado e, atualmente, pode aparecer nos discursos estilizados como uma forma que serve para exprimir muita reverência. Neste contexto, a forma *pani* combina-se com a forma da segunda pessoa singular do verbo, e não com a forma habitual, ou seja, a terceira. As traduções de (21a), mostram que tanto o vocativo de *kucharka* (*cozinheira*) (21b), como o vocativo duplicado *pani kucharka* (*senhora cozinheira*) (21c) exigem a ocorrência de *pani* na segunda parte da frase (após a vírgula). Mesmo assim, as frases parecem artificiais, e a única tradução aceitável é (21d), onde *senhora* substituiu a forma nominal referente à profissão.

Quanto aos nomes próprios como as formas de tratamento, no polaco, não é possível usar os nomes próprios com a forma verbal da terceira pessoa singular ou plural como formas alocutivas. A tradução (22b) do exemplo (22a) evidencia que tal combinação pode ser interpretada somente como uma forma delocutiva.

(22a) *O João tem de lavar as mãos antes de comer!*

(22b) *Jan musi umyć ręce przed jedzeniem!*

Contudo, na língua polaca, como comprova (23a), são os nomes próprios no vocativo que permitem exprimir o valor de (22a). Em português, além da estratégia já mostrada em (22a), também é possível utilizar o mesmo meio que em polaco (23b).

(23a) *Janie, musisz umyć ręce przed jedzeniem!*

(23b) *Ó João, tens de lavar as mãos antes de comer!*

No entanto, temos de sublinhar que, no caso das enunciações com o verbo na terceira pessoa, para a frase ser aceitável, no polaco, é preciso acrescentar *pan* (*senhor*) (24a). Em português (24b), esta estratégia não é necessária (24b).

(24a) *Janie, musi pan umyć ręce przed jedzeniem!*

(24b) *Ó João, tem de lavar as mãos antes de comer!*

Conclusões

As formas de tratamento nominais no PE constituem um sistema muito original e complexo e, em muitas situações, sem equivalentes em outras línguas, inclusive o polaco. Infelizmente, é um tema negligenciado nos manuais e gramáticas de PLE, mesmo naqueles que, segundo os autores, podem ser utilizados na autoaprendizagem. Na nossa análise, foram encontradas poucas referências ao assunto em causa. As informações fornecidas pelos autores são pouco detalhadas e não suficientes especialmente para os falantes não-nativos de português. No que respeita à tradução para o polaco, devido à falta de equivalentes, observa-se, por um lado, a substituição de diferentes formas nominais por *pan/pani* (*senhor/senhora*) e, por outro lado, o uso dos nomes próprios no vocativo em vez da construção composta pelo nome próprio seguido do verbo na forma da terceira pessoa.

O presente artigo não pretende, de maneira nenhuma, ser um estudo exaustivo sobre as formas de tratamento nominais no PE. São apenas algumas observações no âmbito da didática de PLE e da tradução de

português para o polaco. No futuro, a nossa intenção é aprofundar o tema e, acima de tudo, alargar o *corpus* para diferentes registos de língua.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, L. (2016), *Gramática de Português Língua Não Materna*, Porto Editora, Porto.
- AVELAR, A., MARQUES DIAS, H. B., GROSSO, M. J., MEIRA, M. J. (1993), *Lusofonia Curso Básico de Português Língua Estrangeira*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- AVELAR, A., MARQUES DIAS, H. (1995), *Lusofonia Curso Avançado de Português Língua Estrangeira*, Lidel, Lisboa.
- BAYAN FERREIRA, A. M., BAYAN, H. J. (2011a), *Na Onda do Português 1*, Lidel, Lisboa–Porto.
- BAYAN FERREIRA, A. M., BAYAN, H. J. (2011b), *Na Onda do Português 2*, Lidel, Lisboa–Porto.
- BAYAN FERREIRA, A. M., BAYAN, H. J. (2012), *Na Onda do Português 3*, Lidel, Lisboa–Porto.
- BIDERMAN, M. T. C. (1972/1973), “Formas de tratamento e estruturas sociais”, *Alfa*, 18/19, pp. 339-382.
- BROWN, R., GILMAN, A. (1960), “The Pronouns of Power and Solidarity” em: Sebeok, T. A. (org.), *Style in Language*, MIT Press, Cambridge, Mass., pp. 253-276.
- CARMO, L. (2011), *Olá! Como está? Livro de textos*, Lidel, Lisboa–Porto.
- CARREIA, M. H. A. (1997), *Modalisation Linguistique en situation d’interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*, Peeter, Paris.
- CARREIA, M. H. A. (1998), “Délimitation sémantico-pragmatique des formes d’adresse en portugais” em: Luquet G. (dir.), *Travaux de linguistique hispanique : Actes du VIIe Colloque de linguistique hispanique*, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Paris, pp. 147-155.
- CARREIA, M. H. A. (2001), *Semântica e Discurso. Estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*, Porto Editora, Porto.

- CARREIA, M. H. A. (2004): *Les formes d'allocution du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs*, [on-line] https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf – 25.07. 2018.
- CINTRA, L. F. L. (1972), *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa.
- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (1991), *Português sem Fronteiras 3*, Lidel, Lisboa.
- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (2011), *Gramática Ativa 1*, Lidel, Lisboa–Porto-Coimbra.
- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (2012), *Gramática Ativa 2*, Lidel, Lisboa.
- COIMBRA LEITE, I., MATA COIMBRA, O. (1989), *Português sem Fronteiras 1*, Lidel, Lisboa.
- COIMBRA LEITE, I., MATA COIMBRA, O. (1997), *Português sem Fronteiras 2*, Lidel, Lisboa.
- DUARTE, I. M. (2010), “Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna” em: Brito, A. M. (org.), *Gramática: história, teorias aplicações*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 133-146.
- DUARTE, I. M. (2011): “Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso”, *Matraga*, 18(28), UERJ, pp. 84-101, <https://www.doi.org/10.12957/matraga.2011.26077>.
- GOUVEIA, C. A. M. (2008), “As dimensões da mudança do uso das formas de tratamento em Português Europeu” em: Duarte, I. M., Oliveira, F. (orgs.), *O fascínio da Linguagem*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 91-100.
- HAMMERMÜLLER, G. (2004): *Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente*, [on-line] https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf – 25.07.2018.
- MELO ROSA, L. (2011a), *Vamos lá começar! Explicações e Exercícios de Gramática, Níveis de Iniciação e Elementar (A1/A2)*, Lidel – edições técnicas, Lisboa.

- MELO ROSA, L. (2011b), *Vamos lá continuar! Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário. Níveis Intermédio e Avançado (B1/B2/C1)*, Lidel – edições técnicas, Lisboa.
- OLIVEIRA, S. M. de (1996), “Contribuição para um estudo comparativo de formas de tratamento em Espanha e Portugal” em: Carrasco González, J. M., Viudas Camarasa, A. (eds.), *Actas del Congresso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera*, t. 2, Universidade de Extremadura, Cáceres, pp. 123-139.
- OLIVEIRA, C., BALLMANN, M. J., COELHO, M. L. (2006), *Aprender Português. Curso inicial de Língua Portuguesa para estrangeiros. Níveis A1/A2*, Texto Editores, Lisboa.
- OLIVEIRA, C., COELHO, M. L. (2007), *Aprender Português 2. Curso elementar de Língua Portuguesa para estrangeiros Nível B1*, Texto Editores, Lisboa.
- PERLIN, J. (1988), *Gramatyka języka portugalskiego*, PWN, Warszawa.
- TAVARES, A. (2011), *Português XXI. Nível A1*, Lidel, Lisboa–Porto-Coimbra.
- TAVARES, A. (2012), *Português XXI. Nível A2*, Lidel, Lisboa.
- TAVARES, A. (2014), *Português XXI. Nível B1*, Lidel, Lisboa.
- VÁZQUEZ CUESTA, P., MENDES DA LUZ, M. A. (1988), *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, Lisboa.